

DELEUZE E A REVERSÃO DO PLATONISMO

IV Encontro de Cultura Artística

Lucas Targino Gomes, Bruna Nogueira Ferreira de Sousa, Dênis Túlio Facundo Almeida, Hércules Gomes de Lima, Lucas Oliveira de Lacerda, Ada Beatriz Gallicchio Kroef

A "reversão do platonismo", que teve como publicação original em 1967, e logo em seguida foi inserido como apêndice em 1969 no livro "Lógica do sentido", tinha como pretensão inicial retomar o projeto nietzschiano. Mas o que de fato significa reverter o platonismo? Platão ao separar o mundo das essências e mundo das aparências divide em dois o domínio das imagens-ídolos, para que por um lado se possa selecionar os bons pretendentes, aqueles dotados de semelhança e bons fundamentos e por outro lado aqueles que se afastam do modelo, sem semelhança e com maus fundamentos, os simulacros. Pode-se notar então que a cópia é a fiel reprodução da ideia, uma similitude, revestida de semelhança enquanto que o simulacro é uma total dissimilitude, sem semelhança alguma com a ideia, portanto não podemos negar que a cópia e o simulacro são imagens, mas com a diferença que um possui semelhança enquanto o outro é ausente da mesma. Através da negativação do simulacro, afirmado toda a sua improdutividade, que como Deleuze destaca, é assim que na filosofia platônica, como também em toda a história da filosofia é instaurado um domínio da representação, domínio este responsável pela limitação do pensamento que nos fecha a novos horizontes. A partir do que pensa Deleuze, o simulacro nunca fora uma cópia degradada como é colocado por Platão, pois jamais esteve no estado de cópia, em suas palavras o simulacro é "potência positiva que nega tanto o original quanto a cópia, tanto o modelo como a reprodução", é diferença, multiplicidade, ocorre o enaltecimento daquele que sempre foi tratado como sem fundamento, o fim da hierarquização, da limitação e das representações, é portanto este a reversão platônica.

Palavras-chave: Platão. Simulacro. Deleuze. Diferença.